

**LA CHRONIQUE SCIENTIFIQUE**  
**de Ruy Duarte de Carvalho, Jacky Picard**  
**et Julie Cavignac**

**CRÓNICA DE LUANDA**  
**O DIREITO À EXIGÊNCIA**

Implicado circunstancialmente nos terrenos e no momento em que se diligenciava a preparação deste número de *Lusotopie*, várias vezes fui interpelado relativamente à exiguidade de uma conjecturável participação angolana, circunstância que, apreendida do exterior, não pode, muito logicamente, deixar de situar Angola de forma desvantajosa perante a produção analítica que outros espaços de língua oficial portuguesa em África, Moçambique e Guiné Bissau nomeadamente, têm conseguido disponibilizar, muitas vezes com brilho, através dos canais, escassos mas oportunos, daquela comunicação especializada que se ocupa das realidades que nos envolvem quer como actores quer como eventuais observadores.

Tal evidência, impossível de negar, suscita da parte do Angolano que sou, evidentemente, um imediato investimento verbal e especulativo chamado a conferir alguma inteligibilidade a mais esse testemunho daquele generalizado desconcerto angolano que tende, em todos os domínios, incluindo este, portanto, a

assumir uma expressão incontornavelmente redutora.

As condições de produção do texto científico não poderão deixar de ser, em primeiro lugar, tanto em Angola como em qualquer outra parte do mundo, as da própria produção da ciência. Será necessário assinalar que as duas últimas décadas da cena angolana não têm sido as mais propícias ao exercício da ciência, inclusive no que se refere às ciências sociais ou humanas?

A Universidade? O organismo de investigação científica herdado da estrutura colonial, que contemplava também a pesquisa em ciências sociais e produziu no passado alguns materiais de mérito nesse domínio, não conseguiu adaptar-se enquanto tal, sequer preservar-se, atravessou a pós-independência adoptando as formas de cristalização burocrática mais adequadas, ou as possíveis, às várias fases do "processo", deixou finalmente de existir enquanto entidade formal e dele subsistem hoje uma colecção de calhaus, um acervo bibliográfico mumificado e alguns funcionários discretos e mudamente expectantes. O ensino das ciências sociais, por sua vez, de que a necessidade foi tantas vezes brandida e

mesmo política e ideologicamente reconhecida, nunca lhe foi outorgado, enquanto ao mesmo tempo a tarefa era assumida por instâncias políticas que durante alguns anos se empenharam em conferir licenciaturas, dando direito à apelação de "Doutores", a quadros políticos fiéis mas na sua maioria carentes, e ávidos, de uma qualquer qualificação académica.

A "Cultura", os seus organismos e institutos, os seus serviços centrais, secretaria de Estado antes, Ministério, agora? Será arriscar muito dizer que ao longo de todos estes anos o seu exercício visou sobretudo, e quase exclusivamente, a produção de eventos imediatamente rentabilizáveis do ponto de vista político, daí o privilégio sempre dado ao espectáculo, à promoção, muitas vezes alargada à escala do delírio, de uma ansiosa e quase sempre pouco fundamentada ou digna "cultura nacional", ou, quando excepcionalmente investido para além disto, à programação de colóquios e de debates mais receptivos a testemunhos capazes de justificar e consolidar a política em curso do que de ensaiar qualquer inadvertida interrogação, científica ou intelectualmente formulada, por mais tímida que fosse? A "Cultura" dispôs sem dúvida de um gabinete técnico, a que competiria a gestão da pesquisa, e no seu interior chegou mesmo a emergir um conselho científico, que avaliou, aprovou e recomendou a "implementação" de projectos julgados "consequentes". O que se fez e faz ainda hoje a partir daí, porém, teve que encontrar alhures a cobertura, o estímulo e os meios necessários à consecução dos projectos, e se neste momento começam a ser divulgados certos resultados é porque nalguns casos até mesmo os escassíssimos recursos de sobrevivência pessoal dos seus autores foram investidos nisso.

E quanto à responsabilidade dos próprios intelectuais angolanos, sendo a nossa literatura a prova cabal de que

Angola dispõe de um notável potencial de produtores de pensamento? Talvez a situação esteja em vias de mudar. Não é verdade que existe hoje um apreciável número de Angolanos no exterior, dando curso a formações de pós-graduação que estatutariamente os hão de qualificar para a investigação? Será talvez de interesse para a análise assinalar que muitos desses actuais "doutorandos" são em grande número, de facto, ex-directores, precisamente, dos organismos da "Cultura" de há pouco tempo ainda. Voltarão a Angola para desempenhar de novo cargos de direcção administrativa ao serviço da política que vigorar no momento, mais exigente, esperemos, e mais apta, portanto, a rentabilizar a capitalização de saber a que agora procedem? Talvez alguns voltem e desses alguns arrisquem a pesquisa. Também porque a atitude do exterior parece estar em vias de mudar em relação aos pesquisadores angolanos... Durante o tempo que decorreu até aqui aconteceu mesmo que alguns observadores vindos do exterior não hesitaram em entender os intelectuais angolanos, no seu conjunto, possuídos por uma esquizofrenia colectiva e isso lhes justificou, inclusivamente, considerá-los como "meros" informantes, com interesse sem dúvida para as suas próprias pesquisas mas não mais que isso, sancionada assim a legitimidade de veicular em primeira mão não só informações mas também análises debitadas em momentos exaltados de entusiástico fervor hospitaleiro. Para outros, que poderia esperar-se de aventureiros insidiosos, formados não se sabia bem como, portadores de um discurso que insinuava críticas ao sistema monopartidário e totalitário angolano, mas que nem por isso os revelava menos comprometidos com ele, os percursos pessoais, feitos de coexistência e acomodação dando testemunho disso, talvez só empenhados, quem sabe, em forjar assim um lugar a que a heterodoxidade do seu

comportamento cívico ou social lhes não dava acesso? E que pretendiam afinal fazer num país devastado pela guerra e só nela investido? Não fosse esse o caso e estariam lá eles, os pesquisadores sérios, do exterior, credenciados pelo seu passado colonial...

Angola porém, mesmo que até aqui não se tenha manifestado muito nos terrenos da análise social, existe ainda assim e também em relação a tal esfera de interesses. Só que à sua própria medida, quer dizer, "em grande" e sempre imprevisivelmente. É desta forma que na sequência da constituição de uma associação de antropólogos e de sociólogos angolanos, está em curso em Luanda a criação de uma revista de ciências sociais. Chamado naturalmente a filiar-me na primeira, acedi também a integrar o conselho editorial da segunda. Como antes, e inapelavelmente, estou inserido no processo. De facto, embora possa contestar o bem fundado das verdadeiras intenções que terão levado à institui-cionalização da associação, matéria que não desenvolverei aqui, nada tenho, em boa verdade, contra o aparecimento de uma tal formação de classe. Não me situo no entanto da mesma maneira no que diz respeito à oportunidade da publicação da revista. E aproveitei precisamente o artigo com que me propuz introduzi-la para expôr aí as razões das minhas reticências. Reconheço com satisfação de que forma uma revista deste tipo, na Angola do presente, é mais uma manifestação daquela vitalidade que nos tem permitido resolver informalmente tudo o que a incapacidade oficial tem deixado em suspenso, nomeadamente o provi-mento das nossas necessidades mínimas elementares, as do corpo mas também as do espírito, e as de um conhecimento efectivo de nós mesmos, ao que a revista em causa poderá querer responder. A não ser, e aqui passo à apreensão, que ela venha tão só e afinal a resultar em (e a revelar-se como) mais

uma expressão das movimentações estratégicas, tão banalizadas entre nós, de afirmação pessoal ou colectiva, privada de outro conteúdo, ou alcance, que não seja precisamente o de uma instrumentalização imediata e imediatista que desminta em si mesma a vocação científica com que se pretende legitimar a iniciativa. Daí que me ocorram à partida algumas das questões precisas que puz à direcção da associação, responsável pela publicação e pela sua política editorial: que sentido faz investir tanto empenho e energia (não dispomos inclusivamente nem de papel no mercado nem de parque tipográfico senão através de canais só abertos a toda a ordem de expedientes, investi-mento pessoal, circuitos de influência, dependência e compromisso) para dar testemunho de um pano de fundo que afinal praticamente não existe, a da pesquisa em ciências sociais? Não seria mais razoável e útil (socialmente, claro) investir tudo isso na própria pesquisa? A quem pretendemos dirigir-nos? Ao exterior, para dar prova de que afinal existimos? Insisto: não seria mais razoável, etc... Ao interior? A nós mesmos, profissionalmente identificados, para informação e enriquecimento mútuos, aos políticos, aos legisladores, aos juizes, na esperança de que algum dia nos venham a ler, aos intelectuais angolanos, tão desconcertados e perplexos quanto nós mesmos, irmãos da mesma família, à juventude nacional, tão ávida e carente de fontes de conhecimento que se possam considerar minimamente sérias e isentas? Avante então. Condição única: ou é para ser a sério ou então não vale a pena. Nós, Angolanos, também temos o direito à exigência, sobretudo aquela que nos impusermos a nós mesmos. Uma revista de ciências sociais neste momento, em Angola, a não ser a sério poderá talvez vir a ser apenas um malefício a mais imposto,

inadvertidamente ou não, à já tão  
abalada saúde nacional.

*Lisboa, em trânsito para Luanda*

*8 de Janeiro (dia da Cultura  
Nacional) de 1995*

**Ruy DUARTE DE CARVALHO**  
*Universidade de Luanda*

## **LE CONGRÈS INTERNATIONAL DES AMÉRICANISTES (Suède, juillet 1994)**

Le 48<sup>e</sup> congrès international des américanistes s'est tenu en Suède du 4 au 9 juillet 1994. Plus de mille deux cent communications, réparties en soixante-dix-neuf séminaires, ont été prononcées sur le thème "Peuples et environnements menacés aux Amériques". La plupart des séminaires étaient consacrés à des thématiques dépassant largement tel ou tel cadre national, mais le Brésil, seul espace lusophone du continent, fit l'objet de près de deux cents communications dispersées dans une cinquantaine de séminaires. La recherche brésilianiste était représentée dans tous les domaines scientifiques traditionnellement investis par les américanistes, exception faite de l'archéologie. Les principaux thèmes abordés par les spécialistes du géant latino-américain reflètent les mutations

en cours dans ce pays : l'avenir des peuples indigènes ; la citoyenneté, les droits de l'homme et la transition démocratique ; l'environnement, l'urbanisation et les migrations internes ; enfin le développement économique. Mais ces grands thèmes ne furent évidemment pas traités de la même manière d'un séminaire à l'autre, d'autant plus que les séminaires étaient réunis selon une logique quasiment disciplinaire : anthropologie des religions, éducation, environnement, histoire, linguistique, sciences politiques et droit, sciences sociales, art et littérature, économie, sans compter un ensemble de séminaires dits "spéciaux", sans doute regroupés plus pour des raisons d'organisation matérielle que sur des arguments scientifiques.

### **INDIGÉNISME, ENVIRONNEMENT ET DÉMOCRATIE**

La question indigéniste a ainsi été présente dans presque tous les domaines. Les anthropologues ont abordé principalement deux thèmes : tout d'abord un classique du genre puisqu'il s'agit des "religions afro-brésiliennes", ensuite un axe de recherche – "l'anthropologie de l'urgence et les droits des ethnies face aux États" – qui semble attirer de plus en plus de jeunes chercheurs mais que l'on est surpris de rencontrer dans cette rubrique. Curieusement placé à part, un séminaire spécial fut consacré au "chamanisme aux Amériques" ; on s'y interrogea notamment sur les liens entre chamanisme et cultes modernes dans les pratiques religieuses brésiliennes contemporaines. Dans le domaine de l'éducation, une conférence intitulée "Éducation et stratégies linguistiques : un exemple dans le Nord-Ouest de

l'Amazonie brésilienne" abordait la question éducative telle qu'elle se pose dans les sociétés amérindiennes. Les "environnementalistes" se sont penchés sur la question de l'impact des grands projets (centrales hydro-électriques, extraction de minerais, etc.) sur les populations locales dont les peuples indigènes. Sur neuf communications d'historiens concernant le Brésil, sept s'inscrivaient dans un séminaire intitulé "Frontières et groupes indigènes de l'Amérique du Sud du XVI<sup>e</sup> au XIX<sup>e</sup> siècles" et traitaient donc de l'histoire du contact entre les sociétés indigènes et les colonisateurs lusitaniens, tout particulièrement les ordres religieux, un choix sans doute dicté par la relative abondance de documents. Les linguistes s'étaient regroupés essentiellement dans le séminaire "Langues natives d'Amérique du Sud, aspects

synchroniques et diachroniques" ; les langues warekena, tikuna, kuikuro et maku firent l'objet de quatre communications, une cinquième posant la question d'une nouvelle classification des langues caribes du Nord du Brésil. Dans le domaine intitulé "art et littérature", nous trouvons deux études sur les traditions musicales indigènes. Ce sont curieusement les juristes et les politistes qui s'interrogèrent sur les liens entre "la croissance économique et la préservation des populations indigènes". Enfin, c'est en sciences sociales qu'ont été présentées six communications sur la question des épidémies et du contact interethnique, presque toutes consacrées à des populations indigènes d'Amazonie, soit sous l'angle démographique soit sous celui des représentations indigènes de ces épidémies. La publication de l'ensemble de ces communications sur la question indigène au Brésil dans un seul ouvrage constituerait sans aucun doute un document intéressant mais leur dispersion dans le cadre du Congrès international des américanistes rend la chose malaisée ; par ailleurs, cette même dispersion a sans doute permis des confrontations fructueuses avec des chercheurs s'intéressant à la question indigéniste dans d'autres pays latino-américains.

En ce qui concerne les recherches que j'ai regroupées sous le thème "citoyenneté, droits de l'homme et transition démocratique", elles sont plutôt le fait des juristes et des politistes, qui se sont notamment penchés sur la constitution de 1988, le retrait de l'État ou le changement politique à Brasilia, alors même que certaines de leurs interventions étaient programmées dans un séminaire dont le titre "Le Brésil aujourd'hui : de la crise à la croissance restaurée et au développement" reflétait davantage les préoccupations d'économistes. D'autre part, il me semble que plusieurs recherches du domaine "art et littérature" pouvaient éclairer ce thème ;

je pense aux études sur les rapports entre histoire et littérature, et plus particulièrement sur le rôle de cette dernière dans la construction de l'identité nationale.

Sur le thème de l'environnement, quarante-six communications concernaient directement le Brésil dont vingt la seule Amazonie. Deux séminaires furent entièrement consacrés à cette région : le premier reprenait pratiquement le thème du Congrès – "Peuples menacés et environnements en Amazonie" – tandis que le second posait la question : "Quel futur pour la région amazonienne ?" Les questions abordées furent celles qui mobilisent les opinions publiques depuis quelques années : l'impact du développement sur l'environnement naturel et les populations locales ou encore les déboisements et les moyens de récupérer les zones dégradées. Cependant d'autres thèmes comme les transports, l'industrialisation ou l'urbanisation en Amazonie faisaient l'objet de plusieurs communications. Pour les autres régions brésiliennes, la question de l'environnement était étroitement liée à celles de l'urbanisation et de la croissance démographique aux alentours de São Paulo, à celle de la modernisation de l'agriculture, quand on ne s'interrogeait pas sur la signification de l'expansion des plantations de cannabis dans le Nordeste : développement durable ou crime organisé ? Juristes et chercheurs en science politique n'étaient pas en reste, tant sur la question des rapports entre "droits de l'homme et environnement" que sur celle de l'urbanisation, avec une étude comparative des discours des planificateurs-urbanistes du Brésil et de l'Argentine entre 1920 et 1945. À noter enfin la tentative d'Edna Castro de lier histoire et environnement dans une communication intitulée "Ethno-histoire et pratiques environnementalistes : méthodologie interdisciplinaire dans l'étude de groupes amazoniens en conflit". En sciences sociales, six brési-

lianistes s'interrogèrent sur l'impact des migrations internes dans les régions d'origine et de destination, tant d'un point de vue socio-économique ou géographique que dans leur dimension imaginaire.

Le développement économique était autant à l'honneur chez les spécialistes de l'environnement que chez les économistes, mais si les premiers s'interrogeaient sur les conditions d'un développement durable (huit communications reprennent cette notion), c'est-à-dire un développement qui prenne en compte la dimension environnementale, les seconds – finalement assez peu nombreux – s'intéressèrent surtout à la participation du Brésil au "marché commun" des pays du cône Sud (le Mercosur), aux performances et perspectives de l'industrie brésilienne dans le secteur des exportations, ou encore au thème

du "développement brésilien : rétrospective et projets futurs", présenté par Celso Furtado. Il faudrait ajouter une étude sur "les investissements britanniques dans les plantations de café brésiliennes entre les deux guerres" et une analyse comparative des investissements étrangers et des politiques macro-économiques au Mexique, en Argentine et au Brésil dans les années 1930. Notons encore, dans un autre séminaire spécial intitulé "le processus de privatisation dans le secteur rural", la communication d'Afrânio Garcia qui abordait la question de "l'établissement d'un marché de la terre en l'absence de réforme agraire ; le cas du Brésil". Enfin, ce sont les juristes et spécialistes des sciences politiques qui se sont penchés sur la question des rapports entre les entrepreneurs et l'État (quatre conférences sur ce thème).

### LE MODE D'EXPLOITATION PATERNALISTE

Dans le domaine des sciences sociales, signalons un séminaire presque entièrement consacré au Brésil (vingt communications sur vingt deux), sans que cette dimension géographique ne constitue le seul point de convergence entre les participants. Une thématique commune – "État, crise du mode d'exploitation paternaliste et modernité ; vers une critique des sociologies imaginaires au Brésil" – plaçait au centre du débat la question de la nature d'un lien social particulier entre producteurs et patrons brésiliens. L'hypothèse de l'existence d'un mode d'exploitation paternaliste aujourd'hui en crise mais sans lequel il semble difficile de comprendre la situation actuelle du Brésil, et plus largement de l'ensemble de l'Amérique latine, reposerait selon Christian Geffray sur la capacité historique des patrons à contrôler l'accès des producteurs aux biens provenant du

marché, ce qui leur permettait – et leur permet encore aujourd'hui dans certaines situations décrites par d'autres intervenants – d'obtenir le produit du travail des producteurs à un prix pratiquement fixé par eux ; cela expliquerait, au moins dans les situations les plus proches du modèle, que les producteurs restent souvent endettés. Mais la fonction de cette dette serait plus sociale qu'économique : elle servirait avant tout à fonder l'obligation pour les producteurs de rester à leur poste de travail. La nécessité, reconnue par tous, de payer ses dettes légitimerait ainsi le maintien d'une situation souvent qualifiée de "captive" aussi sûrement que le ferait une loi, mais une loi dont les patrons seraient les seuls vecteurs puisque la dette n'est finalement, dans cette analyse, que l'expression tangible de leur pouvoir de fixer le prix du travail de leurs employés. Ce face-à-face foncièrement

inégalitaire et anticontractuel représente sans aucun doute ce qui différencie le rapport social paternaliste de son homologue capitaliste. En effet, dans le monde capitaliste, la Loi – c'est-à-dire selon C. Geffray, "le principe symbolique d'où procède la légitimité du lien entre dominant et dominé" – est dissociée des exploités, ce qui constitue "le principe original et puissant de la légitimité moderne". L'existence d'un lien social original paraît donc démontrée sans que le débat ait permis de trancher sur sa nature : pour Claude Meillassoux, ce que divers intervenants appelaient "paternalisme" ne serait finalement qu'une idéologie, la simple représentation de formes d'exploitation parfaitement insérées dans le mode de production capitaliste. De son côté, Philippe Léna, dans une approche historique et comparative, rappelait que les rapports personnels paternalistes n'ont rien d'institutionnel, au contraire par exemple des rapports personnels féodaux, mais surgissent dans les interstices des institutions. Enfin, Maria Conceição d'Incão s'interrogeait sur la pertinence d'un "modèle paternaliste" qui serait, au moins dans l'état actuel des recherches, inapte à rendre compte du dynamisme de la société brésilienne contemporaine. Si tous les intervenants ne reprenaient pas à leur compte l'hypothèse de Christian Geffray, à savoir l'existence d'un mode d'exploitation paternaliste, la plupart avaient recours à des notions qui recouvrent plus ou moins complètement le même objet : relations de "patronage", formes de domination traditionnelles, clientélisme

ou État patrimonial. Mode d'exploitation, mode de domination ou simple idéologie, le paternalisme fait actuellement l'objet de nouvelles recherches qui pourraient bien contribuer à rendre compte des résistances de la société brésilienne à la "modernisation" que son nouveau Président semble appeler de ses vœux.

Ce bref compte rendu ne prétend pas, bien entendu, restituer toute la richesse des communications et des débats, mais attirer l'attention sur un ensemble de recherches très récentes qui seront publiées dans le n° 4 de *Lusotopie* (1996) dont le dossier sera entièrement consacré à ce séminaire du 48<sup>e</sup> Congrès inter-national des américanistes.

**Jacky PICARD**

**II<sup>e</sup> SÉMINAIRE "LITERATURA DO POVO: FONTES -  
PERMANÊNCIA - REVALORIZAÇÃO", UNIVERSITÉ  
FÉDÉRALE DU RIO GRANDE DO NORTE (UFRN),  
24-30 octobre 1994**



Le deuxième Séminaire de littérature populaire organisé par le tout nouveau *Núcleo de estudos interdisciplinares sobre a cultura popular* – créé en 1994 – s'est déroulé pendant une semaine à Natal. De nombreux travaux de spécialistes de différentes disciplines, de renommée nationale et internationale, y furent présentés : Deifilo Gurgel (FJA), Eduardo Diatahy B. de Menezes et Theoberto Landim (UFC), Marcus Accioly (UFPE), Doralice F. Xavier Alcoforado (UFBA), Jerusa Pires Ferreira (PUC), Boris Schneiderman, etc.

Des discussions organisées en tables rondes thématiques et la production d'artistes "populaires" (Patativa do Assaré, Elomar, les "Marujos" de Giorgino Avelino, les "cantadores", etc.) ont contribué au vif succès de ce séminaire auprès d'un large public, essentiellement composé d'étudiants, de professeurs d'université, de chercheurs et de non-spécialistes. Les annales du séminaire seront prochainement publiées.

Le groupe de recherche "Cultura popular" compte actuellement sept professeurs et chercheurs – surtout des littéraires et des anthropologues – et six étudiants. Il se propose de renouveler l'expérience en 1995 en s'interrogeant sur la place réservée aux travaux du plus grand folkloriste brésilien originaire de Natal, Luis da Câmara Cascudo.

En dehors de l'organisation des séminaires annuels, le *Núcleo de estudos interdisciplinares sobre a Cultura popular* propose des réunions hebdomadaires où sont discutés des problèmes théoriques et méthodologiques liés aux cinq

recherches en cours, dont voici la présentation :

"a) Projeto *Romanceiro potiguar* que prevê o levantamento do romanceiro tradicional (Portugal e Nordeste brasileiro) em todo o Rio Grande do Norte (Prof. Deifilo Gurgel).

b) Projeto *Memórias de migrantes (Pesquisa etno-literária de uma comunidade da zona norte da cidade do Natal, RN)* que tem como meta delinear o perfil cultural dos migrantes da área conhecida como "Asa Norte" e o seu respectivo discurso (Profa. Dra. Julie Cavignac).

c) Projeto *A literatura popular do Seridó: manifestações orais e escrita*, que tem como objetivo principal o resgate dessa produção literária para constatar a sua vitalidade, permanência e repercussão na vida do povo sertanejo e no desenvolvimento cultural da região (Profa. Maria Francinete de Oliveira).

d) Projeto *Levantamento das manifestações culturais do Rio Grande do Norte* (Profa. Ivanilda Pinheiro da Costa).

e) Projeto *Djalma Maranhão - política e cultura*, propõe uma análise antropológica da figura do político Djalma Maranhão durante o seu mandato de prefeito de Natal e seus projetos ligados à cultura popular (Profa. Célia Maria Dumaresq de Oliveira)".

Paralèlement un centre de documentation devrait bientôt être créé, regroupant des ouvrages sur la culture populaire, des archives orales, des *folhetos de cordel* ainsi qu'une base de données sur la littérature populaire, permettant des échanges avec d'autres centres de recherche.

*Pour tous renseignements contacter: Julie CAVIGNAC, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Mestrado de Letras CCLHA, Campus Universitário, Km 01, BR 101, Cx. Postal 143. Lagoa Nova, 59 072 Natal RN, BRESIL. Tel. : (19 55) 84 231 12 66 R. 414. Fax – (19 55) 84 231 97 82.*

## L'UNITÉ DE COOPÉRATION AVEC LES PAYS DE LANGUE PORTUGAISE DE L'UNESCO

Une "Unité de coopération avec les Pays de langue portugaise" (PLP) a été créée au sein de l'UNESCO en juillet 1994, dans l'objectif de promouvoir la lusophonie comme nouvel espace de coopération interculturelle par le biais d'un vaste réseau entre les PLP, de garantir le rôle rassembleur de l'UNESCO dans ce réseau, de contribuer au progrès des pays et peuples lusophones dans ses espaces de compétence, et enfin de développer la coopération entre secteurs publics et privés (la "société civile organisée") au sein des PLP.

Pour démarrer ses activités, l'Unité a commencé la mise sur pied d'une base

de données sur la coopération entre l'UNESCO et les PLP et sur les experts de langue portugaise, et publie un bulletin d'information, *Notícias PLP*, depuis mai 1995. L'Unité a participé à l'organisation de la conférence "Á Escuta da África" réalisée à l'UNESCO les 6-10 février 1995 dans le but de permettre aux Africains de ces pays de définir eux-mêmes leurs priorités.

*Informations :*

*Mr Rui A. De FIGUEIREDO SOARES, Chefe da Unidade de Cooperação com os Países de Língua Portuguesa, UNESCO, 7 place de Fontenoy, 75352-Paris 07.*